

MOVIMENTOS DISCURSIVOS NA PROJEÇÃO DO *ETHOS*

Maria Alzira Leite¹

RESUMO: Partindo de uma perspectiva enunciativa, este artigo propõe um estudo com vistas a examinar os procedimentos metadiscursivos e as estratégias linguísticas no processo de re(construção) do *ethos*. O pressuposto maior, aqui, é o de que, nos modos de dizer, é possível descrever e mapear movimentos discursivos que denunciam a manifestação dos papéis sociais e institucionais. Na análise empreendida, verifica-se que, determinada imagem de um sujeito, construída numa situação enunciativa particular, pode sofrer (re)definição no e pelo discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Estratégias Discursivas; Metadiscursividade; *Ethos*.

ABSTRACT: Starting from a stated perspective, this article proposes a study in order to examine the metadiscursive procedures and language strategies in the process of re (Construction) *ethos*. The biggest assumption, here, is that, in say modes, and possible describe and map the movements discursive that denounce the manifestation of the social and institutional roles. In this analysis, it appears that, given image of a subject, built in a particular enunciative situation, can suffer (re) definition in and through discourse.

KEYWORDS: Discursive strategies; Metadiscursivity ; *Ethos*.

1. Introdução

Vive-se um momento de grande repercussão política. Em época de eleição, nada melhor do que resgatar representações de uma mulher, que, de certa forma, marca o Brasil com a sua maneira de se apresentar e agir. Assim, levando em consideração esse contexto

¹ Graduada em Letras (UNI-BH) / Especialista em Psicopedagogia (IEC – PUC Minas) / Mestre em Língua Portuguesa e Linguística (PUC Minas) / Doutora em Linguística e Língua Portuguesa – PUC MINAS – Brasil mariaalzira35@gmail.com. Professora do Mestrado em Letras da UNINCOR. FCTE – UNICOR – Colégio de Aplicação – Unidade de Três Corações – MG.

político de projeção de “boas” ações e imagens, este estudo tem como objetivo analisar os efeitos das propriedades linguístico-discursivas na constituição do *ethos*, presentes na entrevista de Dilma Rousseff, no programa “Mais Você”, veiculado pela emissora de televisão Rede Globo, na semana em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, em 2011. Convém destacar que dois aspectos se mostraram de extrema relevância para este estudo: i) os procedimentos metadiscursivos e ii) o processo de construção de *ethos*.

Compreende-se que os procedimentos metadiscursivos focalizam o exercício da linguagem, como autorreflexividade do próprio dizer, para referenciar o próprio fazer, no âmbito da atividade enunciativa (JUBRAN, 2000). É neste ponto que se destaca uma abordagem ligada ao *ethos*. Ao dizer “algo”, enquanto forma de “autorrepresentação do dizer” (AUTHIER-REVUZ, 1998), emerge uma determinada imagem nos modos de enunciar. Há, assim, uma representação² que perpassa o discurso, que possui uma forma significante ao que é dito. Dessa maneira, não se privilegia simplesmente o conteúdo desse dizer, mas, também, a imagem construída e o sentido que se pretende dar a ela.

Esclarece-se que os procedimentos metadiscursivos são aqui interpretados como ações/operações implicadas no agenciamento de vozes e na assunção de posições discursivas, inscritas na tessitura discursiva do texto com vistas à projeção de um *ethos*. De acordo com Amossy (2005), ao dizer algo, o sujeito já fornece pistas da sua imagem. Nem é preciso descrevê-lo explicitamente. Seu estilo, seu jeito de se expressar e suas crenças são suficientes para construir uma representação. Essa imagem facilita ou não a aceitação do que se pronuncia.

Na Análise do Discurso, o *ethos* diz respeito à construção de uma imagem de si no momento em que se profere algo. Dizer que os participantes do discurso criam uma autoimagem por meio dele, é afirmar que o discurso possui as marcas do enunciador³ e do co-enunciador⁴, entendidos aqui como aqueles que interagem no processo discursivo. As imagens do enunciador e do co-enunciador agem no campo discursivo, de modo a se tornarem parte constituinte do processo enunciativo.

Destaca-se, aqui, também, a perspectiva de Maingueneau (1997, 2001, 2005, 2006) com relação ao *ethos*, quando este retoma o conceito de Aristóteles⁵. Porém, a análise do discurso vai além dos estudos retóricos, pois analisa as imagens criadas pelos

² Entende-se, aqui, como representação, a imagem subjetiva de um dado objeto, carregada de emoções e experiências individuais (FREGE, 1978).

³ Enunciador tratado aqui na perspectiva de Maingueneau (2001), aquele a quem se outorga no discurso uma posição institucional que marca sua relação com o saber.

⁴ O co-enunciador, na mesma perspectiva acima, é aquele a quem o enunciador dirige o seu discurso, que não é entendido como uma figura dotada de passividade, mas que exerce um papel ativo no processo discursivo.

⁵ Em Aristóteles, o *ethos* é abordado como ponto fundamental para o exercício da persuasão.

enunciadores em todo e qualquer discurso. Então, retomando a ideia aristotélica, Maingueneau (2005) afirma que o *ethos* é construído no âmbito da atividade discursiva. Nesse sentido, a imagem de si é um fenômeno que se constrói dentro da instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra através do seu discurso.

Então, mobiliza-se, neste artigo, uma abordagem de análise na qual, segundo o entendimento de Ferreira (1998), o discurso é um processo de significação que leva em conta a materialidade histórica da linguagem e o sujeito que está inserido e perpassa essa realidade. É numa perspectiva linguístico-discursiva que parte dessa exposição, levando em consideração a linguagem como uma prática social. A caminho das análises, seguem nas próximas seções algumas situações de interação no programa “Mais Você”, exibido em 1º de março de 2011, para o devido estudo.

2. Uma Presidente no programa “Mais Você”

Em 2010, presenciamos um fato inédito no Brasil: uma mulher, Dilma Vana Rousseff, foi eleita Presidente da República. Diante desse acontecimento, os veículos de comunicação estabeleciam uma concorrência entre diferentes redes televisivas e impressas a fim de apresentar a história e o dia a dia dessa mulher.

O “Mais Você”, exibido pela rede Globo, foi um dos programas televisivos que se destacaram pela ousadia de convidar um membro do governo para fazer parte do seu contexto de entrevista. Esse programa é direcionado, de modo geral, ao público feminino; o cenário lembra uma casa, a estrutura base gira em torno de dicas de culinária, artesanato, moda, artefatos do lar, dicas ligadas à saúde e à estética. Atualmente, segue um viés também jornalístico, centrado na entrevista. Então, além de deixar o telespectador “informado”, também problematiza certos acontecimentos. A marca registrada do “Mais Você” é a mensagem do dia, em que um determinado texto é narrado pela apresentadora, e, ainda, tem como objetivo principal alavancar a autoestima dos telespectadores. Para ilustrar a estrutura do programa, observe-se o esquema abaixo:

“MAIS VOCÊ” DO DIA 1º DE MARÇO DE 2011

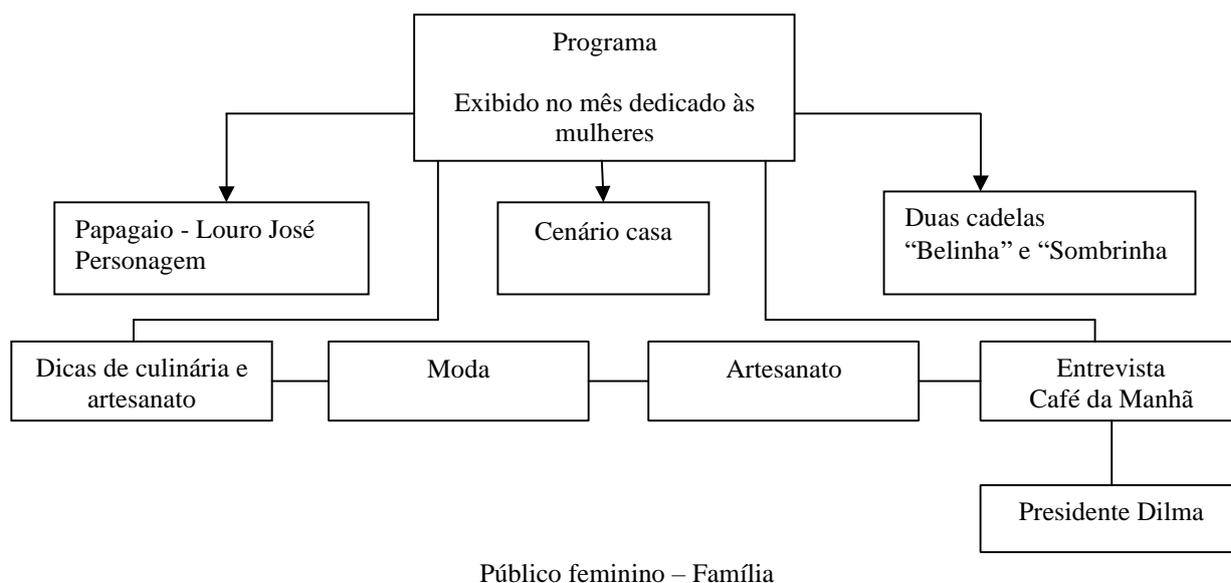


FIGURA 1 – Estrutura do programa “Mais Você”. Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre as várias celebridades que já passaram pelo programa, destaca-se a visita da presidente. No dia 1º de março de 2011, Ana Maria Braga recebeu e entrevistou Dilma Rousseff no “Mais Você”, em homenagem ao mês da mulher. A presidente discorreu sobre sua rotina de trabalho nos primeiros meses de governo, sua relação com a família e o convívio com o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Nos excertos apresentados e discutidos, logo abaixo, nota-se que essa entrevista insere-se na esfera do gênero encontro marcado, e é organizado por uma equipe de televisão, na qual se incluem desde os encarregados da produção do programa até os cinegrafistas que registram a sequência de cenas. Toda essa organização é devidamente ancorada para sinalizar um determinado conteúdo temático em uma relação informal; o menor grau de formalidade para o maior alcance do produto final – quebrar um paradigma social imposto pelo sintagma nominal “durona”. Em seguida, retomam-se os ritos de interação do gênero entrevista, mas os valores efetivos relacionados ao campo político são mantidos à margem da linha de ação interacional. O que se percebe é a manutenção da face feminina da convidada. Ainda que seja inserido o formato pergunta e resposta, a figura da mulher tem prioridade na sequência discursiva.

Assim, baseando-se nessa concepção, entende-se que a atividade linguística presente na esfera midiática, na Rede Globo, no “Mais Você” e, ainda, no “Café da Manhã com Ana Maria Braga”, configura-se como um tipo específico de entrevista televisiva, em um programa direcionado à mulher, dona de casa, extensivo à família. Há uma situação com ares de informalidade, pautada em um acordo de encontro descontraído entre a anfitriã e a convidada.

Segundo Charaudeau (2006), a entrevista, o bate-papo e a conversa são situações dialógicas em que há uma troca linguageira. Elas se distinguem, porém, no modo de regular a alternância nos turnos de fala.

Bate-papo	Conversa	Entrevista
Os dois parceiros têm igualdade de <i>status</i> ⁶ . Não há uma rigidez na alternância dos turnos.	Não exige nada particular quanto ao <i>status</i> dos participantes nem quanto ao tema tratado. É bem informal e não há uma preocupação com a regulação dos turnos.	Um dos parceiros é legitimado no papel de “questionador” e o outro no papel de “questionado com razões-para ser questionado”. A alternância da fala é regulada e controlada.

QUADRO 1 – Situações dialógicas Fonte: Adaptado de CHARAUDEAU, 2006. p. 214.

Cabe destacar que essa classificação proposta por Charaudeau (2006) auxilia no entendimento do modo de organização de uma “situação dialógica”. No entanto, pensar em uma categorização tão sistemática é perder de vista o que cada domínio discursivo pode ativar em termos de ações que contribuem para uma produção de sentido, haja vista as condições de produção da entrevista em análise.

Entende-se, aqui, que a entrevista insere-se em uma concepção pragmática de linguagem, como uma “atividade verbal entre os protagonistas de um ato comunicativo, contextualizada no espaço, no tempo e no conjunto complexo de circunstâncias que movem as relações sociais entre os interlocutores” (RISSO; JUBRAN, 1998, p. 227). Dessa maneira, concebe-se que o enunciado e as condições enunciativas estão incorporados na ação verbal, o que “leva a ver os componentes enunciativos como introjetados no produto linguístico de um ato comunicativo – o texto” (RISSO; JUBRAN, 1998, p. 228).

Então, parece adequado pensar numa interação emoldurada e orientada pelo enunciado “Dilma toma café com Ana e justifica fama de durona”. O próprio enunciado insere-se na proposta do quadro do programa e indicia que o evento comunicativo de interação verbal entre a entrevistadora e a entrevistada adota como ponto de partida um *ethos* pré-estabelecido, como se pode observar no excerto abaixo:

AM⁷: *Algumas pessoas até já devem ter dito pra senhora que a senhora é vista assim como durona eu acho que pela sua história é... de vida de trabalho a senhora sempre foi*

⁶ Termo tratado como competência. (CHARAUDEAU, 2006).

⁷ AM = Ana Maria Braga.

muito estudiosa doutorada, mestrada trilhou uma carreira muito séria na área de economia:: gostando de matemática, né de estatística e que a vida na verdade a tratou de uma forma que a fez ser quem é, né.

O pronome de tratamento “senhora” ressalta, nesse momento, a importância do sujeito que é entrevistado. Apesar de a entrevista ocorrer em um programa que abre espaço para o grau de informalidade, a entrevistada não é qualquer pessoa. A entrevistadora reconhece essa encenação e mantém o distanciamento por meio do discurso e do pronome de tratamento.

Instaura-se também uma polifonia, como estratégia para iniciar o tópico “fama de durona”, desencadeador da entrevista. Isso ocorre quando Ana Maria Braga transfere a responsabilidade do discurso do senso comum expresso, por exemplo, em “durona” para o sintagma nominal “algumas pessoas” e para a expressão “vista assim”.

A apresentadora justifica esse discurso de imagem negativa cristalizada, posicionando-se e justificando-se: *eu acho que pela sua história é... de vida de trabalho.* E, ainda, modaliza o discurso de forma avaliativa, por meio de enunciados argumentativos: *a senhora sempre foi muito estudiosa doutorada, mestrada trilhou uma carreira muito séria na área de economia:: gostando de matemática, né de estatística,* orientando o leitor à inferência: da fama de séria, de disciplinada, de compenetrada, à “durona”.

No final desse fragmento da entrevista, a modalização apreciativa assume a conclusão da orientação argumentativa, responsabilizando metaforicamente a história de vida da Presidente pela construção da sua imagem cristalizada: *“a vida na verdade a tratou de uma forma que a fez ser quem é, né?”* E, na continuidade dos discursos, tem-se:

AM: *Como é que a senhora vê agora as pessoas dizendo: não, mas ela não é assim. eu:eu:: eu posso dar meu testemunho e dizer a Dilma é muito amiga ela é muito agradável, ela muito sorridente né, conhecendo ela mais de perto você percebe a figura humana que é, e como é. Então essa coisa de durona, eu nunca consegui enxergar eventualmente por vê-la de um outro jeito, né. Mas como é que a senhora tá lidando com isso? De dizer não ela é durona...como é que a senhora lida?*

DR⁸: *Olha Ana Maria, eu acho:: primeiro assim, eu sempre gostei além disso tudo, eu gostei de música, né, de música popular brasileira, de cinema, de sentar num barzinho, de conversar com as pessoas, né, como todo mundo.*

AM: *Uma pessoa normal.*

DR: *Pessoa normal.*

⁸ DR = Dilma Rousseff

No excerto acima, a entrevistadora faz referência ao que as pessoas dizem para situar a entrevistada ao que será anunciado. Para isso, utiliza o dêitico “agora”, justificando a tentativa de construção da imagem de hoje: *não, mas ela não é assim*. O primeiro advérbio *não* atua como um articulador metaformativo, sinalizando o apagamento do tópico *durona*. Em seguida, o operador argumentativo *mas* ratifica esse apagamento. E, ainda, o marcador discursivo *ela não é assim* opera como um articulador metaenunciativo, evidenciando uma propriedade de autorreflexão do que é dito sobre alguém, num viés persuasivo, dentro daquela instância de enunciação.

Note-se que a apresentadora se afasta do perfil de entrevistadora e se expõe, aproximando-se intimamente da entrevistada. Nesse instante, assertivamente, a entrevistadora legitima o que será dito *eu posso dar meu testemunho e dizer*. Inicia-se, assim, um processo de ação sobre aquela cena; ‘a entrevista’ é dotada de uma intencionalidade: qualificar positivamente a presidente do Brasil e orientar o interlocutor a um determinado sentido. Os adjetivos axiológicos: *amiga, agradável, sorridente e humana* desconstroem o sintagma *durona*.

Depois das qualificações, Ana Maria Braga retoma o seu papel de entrevistadora e revela sua atitude perante o enunciado por meio do modalizador *mas*, questionando: “*como é que a senhora tá lidando com isso?*”; e, ainda, através da modalização da força ilocucionária, e repara a questão: “*De dizer não ela é durona... como é que a senhora lida...?*”. Cumprindo a encenação, a entrevistada reconhece a presença do outro: *Olha Ana Maria, eu acho::*; e focaliza a sua atenção, de maneira a guiar a interpretação. Para isso, ela reafirma a “sua normalidade” por meio de ações corriqueiras, legitimando-se como alguém igual a *todo mundo*.

3. O discurso projetando representações

Ao se analisar um gênero, observa-se, grosso modo, as imagens, os enunciados e as escolhas lexicais. No entanto, compreender o sentido de um discurso, seu valor e efeito ali, naquele lugar e, a partir disso, construir possíveis significados, não é tarefa simples. Por isso, para interpretar os atos de fala de um sujeito X é importante considerar alguns aspectos discursivos de forma integrada. Dentre esses aspectos, destacam-se, para a análise, os modos de dizer de uma esfera midiática, seu modo de organização linguístico-discursivo e os sujeitos que fazem parte daquela encenação. Esses são alguns dos aspectos que, juntos, podem engendrar uma cena enunciativa persuasiva e contribuir para uma determinada produção de sentido.

Como exemplo, note-se como as escolhas lexicais do discurso abaixo operam em uma progressão de posicionamento entre mídia (Rede Globo), representada pelo programa “Mais Você” e por Ana Maria Braga (agente produtora do discurso). Ambas se assumem enquanto instituição televisiva e apresentadora, em relação ao que é enunciado:

AM: *Eu tenho hoje o privilégio de receber pela primeira vez num programa matinal que fala pra família...; e recebido: a dirigente MÁxima do país.*

Ana Maria Braga ressalta ao telespectador (interlocutor) o evento inédito na televisão brasileira, na programação do “Mais Você” e no seu trabalho como apresentadora:

AM: *O dia de hoje é um marco da televisão brasileira, na história da Rede Globo e na minha história. Eu tenho hoje o privilégio de receber pela primeira vez num programa matinal que fala pra família... a dirigente MÁxima do país a presidente da República Dilma Roussef. Nós estamos acostumados a ver a presidente ou presidenta, eu vou até perguntar pra ela o porquê a preferência da presidenta e os presidentes que a antecederam, nos telejornais nos programas de entrevistas nos debates. Mas nunca antes assim aqui na nossa casa falando com você que me acompanha diariamente.*

As expressões dêiticas contextualizam e marcam a situação de enunciação interativa ‘encontro com a presidente Dilma no dia X e contexto Y’, rompendo com a estrutura tradicional de uma entrevista com um chefe de Estado. Observe-se, ainda, que a própria entrevistadora informa que a entrevistada é vista habitualmente em programas de entrevistas e debates, mas em um programa com o formato do “Mais Você” era a primeira vez. Rompe-se, então, o contrato “formal” do gênero entrevista para se criar um evento que sugere um desvio do ritual ‘pergunta e resposta’ para ‘um bate-papo no café da manhã’.

A encenação, o discurso da apresentadora e os procedimentos linguísticos apontam para o tipo de relação interacional a ser efetivada pelas participantes do encontro. A abordagem sinaliza uma atividade metadiscursiva categorizada por Jubran (2000) como rompimento do contrato comunicacional no qual tradicionalmente é previsto um quadro típico de pergunta e resposta comandado por um entrevistador.

Os dados contextualizadores que co-constroem o produto verbal da entrevista, do ponto de vista da produção do programa, anunciam a presença da presidente para justificar sua fama de “dura”; não se vinculam diretamente neste encontro questões mais amplas relacionadas à política ou às práticas de governo. E, do ponto de vista da enunciação realizada por Ana Maria Braga, a entrevista se configura como um encontro marcado com uma convidada muito especial, cuja recepção se dará em um ambiente análogo ao ambiente doméstico: *tenho o prazer de receber... a dirigente MÁxima do país...[...] a presidenta aceitou o nosso convite para vir conversar aqui no nosso café da manhã. Prenuncia-se uma situação atípica; um chefe de Estado aceitando um convite para conversar e tomar um café da manhã, mesmo sendo muito discreta.*

Os recursos linguísticos circundam um novo perfil da entrevistada que gradativamente vai sendo edificado junto aos interlocutores, tomando o lugar antes ocupado apenas pela expressão sintagmática “*fama de durona*”. Referenciam-se nesta apresentação formas verbais prototípicas de atividades positivas realizadas pela presidente: *aceitou, vir, conversar*; elementos que corroboram para construir uma imagem positiva de um chefe de Estado democrata, figura receptiva, aberta ao diálogo com a família, aceitando conversar em um “*programa matinal que fala pra família*”, fato inédito na televisão brasileira. Simultaneamente, os recursos linguísticos qualificam a relação comunicacional que o evento pretende estabelecer entre a presidente com fama de durona e o telespectador assíduo do programa: *com você que me acompanha diariamente*.

O segmento acima fornece também pistas de uma imagem da Locutora na apresentação do que vai ocorrer no quadro “Café da Manhã”. Ana Maria Braga, facilitadora da realização da entrevista, toma a palavra induzindo seu discurso a uma reconstrução da imagem de Dilma Rousseff, antes com “*fama de durona*”, hoje, projetando-a como mais “*sensível*”.

4. A (re)construção de uma imagem feminina

É fato que perpassam em nossos discursos as crenças, os valores e a nossa história, que vão além de um conjunto de signos tratados como significantes, remetendo-nos a determinados conteúdos. Sobre isso, assim ressalta Foucault:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os tornam irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse “*mais*” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Nessa perspectiva, o discurso ultrapassa a utilização de letras, palavras e frases, não podendo ser entendido como um fenômeno de mera “expressão” de algo. Além disso, apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. Esse “*mais*” a que o autor se refere, além de ser descrito, é flagrado a partir do próprio discurso, até porque as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam

falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 1986, p.70). Assim, no interior de cada discurso, podemos encontrar o sentido do que é dito, ligado a um posicionamento. No excerto a seguir, é possível observar como o sujeito (Dilma) se constitui e se posiciona ao assumir uma nova posição: a de avó.

AM: *Você sente falta dessa coisa mais chega::da... assim?*

DR: *Ahh:: sinto... sinto sim, todo... acho que... qualquer pessoa... como eu disse eu sou normal. (...)Eu tenho uma vontade imEnsa de ver meu neto. Umas das coisas que eu maisss é::acho... eu nunca entendia muito... quando as pessoas chegavam pra mim e falavam: ah:: eu agora tenho de ir lá, porque eu tenho de ficar com o meu neto. Agora, eu entendo perfeitamente::Eu quero ficar com o meu neto!*

AM: *É muiiito bom né?*

DR: *É muito bom.*

AM: *Faz toda difere::nça, a gente olha naquele olhiinho...*

DR: *Ah... [incompreensível]...E a gente pode.. a gente não tem aque::la responsabilidade de educar, né? Então... tUdo pode. Pra mim tU::do pode. Se ele quiser que eu carregue, eu carrego. Se tiver de tirá da cama porque ele tá chorando, eu tiro. Num tenho a meno::r responsabilidade com aquela questão de ficar educando a criança, né?*

AM: *Pois:: é.*

DR: *Eu não dou muito maus conselhos, mas acredito que vou dar um sorvete para ele!
(Risos)*

AM: *É, uma vó normal, é uma vó norrrmal como todas nós.*

DR: *É, uma vó... norrrmaALL.*

Verifica-se que os dêiticos – pronomes e verbos – preparam o leitor para a construção de uma imagem. E ela é concretizada com as expressões de caráter axiológico: *Eu sou normal; Eu quero ficar com o meu neto*. Nesse fragmento, o *ethos* construído de pessoa “normal” é ratificado ao longo do discurso por uma orientação argumentativa. A entrevistadora reitera a afirmativa *é uma vó norrrALL*, enfatizando a pronúncia de final de sílaba. Assim, esse processo comunicacional estruturado influencia o produto verbal de modo a se observar no texto formulado “pistas indicadoras das relações interpessoais que permeiam um evento comunicativo”. (JUBRAN, 2000, p. 97).

Pode-se observar que quando a entrevistadora pergunta: *Você sente falta dessa coisa mais chegada... assim?*, leva-se em consideração que a entrevistada não é qualquer pessoa, mas, sim, uma autoridade. O contexto em grau de intimidade, dentro dessa situação enunciativa específica, permite a pergunta de caráter informal que se estende com a escolha do vocábulo “coisa” e da expressão *mais chegada*. Pela resposta afirmativa da entrevistada: *Ah! Sinto. Eu acho que qualquer pessoa... como eu disse eu sou normal.*, percebe-se que ela não se abstém do posto de *dirigente máxima do país...[...]*. Entretanto, posiciona-se rapidamente como *qualquer pessoa*.

É nesse ponto que se destaca, num viés pragmático da linguagem, uma autorreflexividade discursiva (BORILLO, 1985) que perpassa “o que é ser avó”. A autorreflexividade discursiva ganha maior fundamentação por meio de uma linha “metadiscursiva”, pois a expansão da noção de um discurso não está centrada somente no código, mas no código tomado em sentido amplo, remetendo tanto à estrutura da língua como sistema quanto à sua ativação em situação de comunicação. Tem-se, então, uma presidente-avó ou uma avó-presidente, transitando num processo identitário entre a representação coletiva e a identidade subjetiva, em que se assume como avó normal do primeiro neto:

DR: *Eu tenho uma vontade imEnsa de ver meu neto. Um das coisas que eu mais é::acho... eu nunca entendia muito... quando as pessoas chegavam pra mim e falavam: ah:: eu agora tenho de ir lá, porque eu tenho de ficar com o meu neto. Agora, eu entendo perfeitamente::Eu quero ficar com o meu neto!.*

5. Considerações finais

Para se construir uma imagem não é necessário ao locutor traçar o seu autorretrato. O estilo próprio, suas competências linguísticas e suas crenças já são elementos que podem induzir a uma imagem que favorece a realização de seu projeto. (AMOSSY, 2005).

Neste estudo, os posicionamentos enunciativos e as diferentes vozes que perpassam os discursos atuam com uma orientação para a construção de um determinado *ethos* da entrevistada. A análise dos fragmentos da entrevista concedida por Dilma Rousseff a Ana Maria Braga, no programa “Mais Você”, permite apreender que as ações de linguagem realizadas tanto pela entrevistadora quanto pela entrevistada forneceram pistas para flagrar os movimentos de projeção de imagens dos sujeitos discursivos.

Convém lembrar Charaudeau (2006), quando destaca que o sujeito apresenta uma identidade social que funda a sua legitimidade de ser comunicante em decorrência do estatuto dos papéis que lhe são atribuídos pela situação comunicativa. Verifica-se, assim, no exame dos efeitos das propriedades enunciativas e discursivas, que o sintagma “durão”, arraigado na história de Dilma, parecia ser desconstruído no agenciamento dos recursos linguageiros. As características marcadas pelos adjetivos positivos conferidos a Dilma desenham ao longo dos dizeres uma mulher mais “sensível”, próxima da “normalidade” da mulher mãe e avó.

Noutros termos, assume-se, neste artigo, que as formas de agenciamento dos recursos linguageiros funcionaram como estratégias pelas quais o enunciador procurou persuadir o enunciatário da legitimidade de seu dizer. Os procedimentos de discursivização e de organização do evento apontaram para diferentes modos de conferir sentido à entrevista exibida. Além disso, a dinâmica na qual se estruturou a conversação

entre a Chefe de Estado e a entrevistadora tendeu a orientar o telespectador a uma imagem de “mulher sensível”.

Seguindo essa noção, acredita-se que os enunciados exerceram um poder sobre a interação, pois, de certo modo, definiram os tópicos e selecionaram os elementos que entraram na desconstrução de uma imagem cristalizada, buscando (re)construir uma nova figura a partir de um agir discursivo, em que são expostos papéis subjetivos exercidos pela presidente.

6. Referências bibliográficas

AMOSSY, R. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Tradução C.R. Pfeiffer et al. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1998.

BARROS, D. L. P. de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. (Org.) **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**. São Paulo: EDUSP, 1999. p. 1-9.

BORILLO, A. Discours ou Metadiscours? In: **DRLAV Revue de linguistique** (32). Paris: Centre de Recherche de l'Université de Paris VIII, p. 91-151, 1985.

CHARAUDEAU, P. **O discurso das mídias**. Tradução A. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, M. C. L. Nas trilhas dos discursos: a propósito de leitura, sentido e interpretação. In: ORLANDI, Eni. (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas (SP): Pontes, 1998. p. 201-208.

FOCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Trad. L. F. Baeta Neves. Petrópolis (RJ): Vozes, 1986.

FREGE, Friedrich Ludwig Gottlob. Sobre o sentido e a referência. In: **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

Dilma no Mais Você. **Mais Você**. Rede Globo. Rio de Janeiro. 08 de outubro de 2011. Programa de TV.

JUBRAN, C. C. A. S. A metadiscursividade como recurso textual-interativo em entrevista televisiva. In: BARROS, K. S. M. (Org.). **Produção textual**: interação, processamento, variação. Natal: Editora da UFRN, 1999, p. 9-19.

_____. Marcadores metadiscursivos em entrevista televisiva: funções textuais interativas. In: **Estudos Linguísticos XXXI**. São Paulo, 1 CD, 2002.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-92

RISSO, M. S. A propriedade auto-reflexiva do metadiscurso. In: BARROS, K. S. M. (Org.). **Produção textual**: interação, processamento, variação. Natal: Editora da UFRN, 1999, p. 203-214.

RISSO, M. S.; JUBRAN, C. C. A. S. O discurso auto-reflexivo: processamento metadiscursivo do texto. In: **DELTA**, v.14, especial, p. 227-242, 1998.

